

ESTRATÉGIAS FAMILIARES DE EMIGRAÇÃO E RETORNO NO NORDESTE

R. Parry Scott*

Como tradição historicamente estabelecida, a emigração desafia a criatividade de grupos domésticos para se organizarem localmente. Trabalhadores jovens, produzidos por estes mesmos grupos, constantemente se dispersam para regiões que prometem rendas maiores. Alguns mantêm contato com as suas famílias de origem e fazem remessas para ajudar, outros não. Depois de um período fora, alguns resolvem voltar.

Este movimento populacional contribui para a criação de condições demográficas sistematicamente diferenciadas entre regiões. A articulação de estratégias familiares nestes espaços regionais evidencia como as famílias de áreas de emigração arcam com os custos dos fluxos migratórios (Arizpe 1982, Woortmann 1984, Wood e Carvalho 1993, Scott 1984a, 1988).

Há uma inter-relação entre família, migração e estruturas de produção e de reprodução da força de trabalho. Enquanto a procriação e a obtenção de recursos que sustentam a vida constantemente renovam os grupos domésticos, levando a variadas composições e demandas materiais, a or-

ganização social de produção dominante limita severamente as opções abertas a membros da sociedade. Os empregadores lutam para diminuir os "custos da mão-de-obra". Ao mesmo tempo, os trabalhadores enfrentam o dilema de como suprir as necessidades materiais e sociais dos seus grupos domésticos com níveis de renda irrisórios. O custo da reprodução da força de trabalho torna-se um problema doméstico em que o uso de diversas fontes de sustento é um imperativo absoluto. Desta forma, a ubiquidade do grupo doméstico no seu empenho de sobreviver beneficia não somente a si, mas também aos grupos que empregam o seu trabalho (Meillasoux 1977). Como "reprodutores da força de trabalho" os grupos domésticos forçosamente organizam-se parcialmente de acordo com um nível supradoméstico de organização da produção na qual os interesses básicos das unidades produtoras divergem dos seus próprios interesses. Afinal de contas, não há balanço de empresa nenhuma cujo dado fundamental seja o bem-estar material dos trabalhadores.

A idade, sexo, número e parentesco das pessoas são os elementos com os quais os

indivíduos trabalham na formação de grupos domésticos com capacidades diferentes para a obtenção de recursos e para a reprodução. As variações nestes elementos obedecem regularidades reportadas nos estudos sobre migrações onde se pode identificar diferenças entre regiões de emigração e regiões de imigração. As estratégias de uso de trabalho elaboradas historicamente dentro de processos específicos de crescimento, acumulação de capital e concentração regional resultam numa separação entre contextos regionais para adaptação de grupos domésticos. Umhas regiões favorecem o trabalho assalariado e outras regiões favorecem formas não-assalariadas de obter recursos. Quase sem variação, é nas regiões "receptoras" de migrantes onde a oferta de emprego assalariado é favorecida. Nas regiões "emissoras" de migrantes os grupos domésticos são levados a articular estratégias de obtenção de recursos de fontes mais diversificadas. O assalariamento tem um peso relativo menor no total. A elaboração da política nacional de uso de trabalho realiza-se numa maneira em que as classes dominantes nas regiões receptoras possam impor a persistência da divisão regional entre concentra-

ções de trabalho assalariado e trabalho não-assalariado. A aplicação desta política evidencia-se na composição diferenciada dos elementos de idade, sexo, número e parentesco nos grupos domésticos nos dois pólos contrários dos fluxos migratórios.

As estratégias domésticas elaboram-se diferentemente de acordo com a promoção e reiteração da identificação de áreas de emigração como áreas "reprodutoras". A força de trabalho assalariada em áreas receptoras renova-se com o influxo de migrantes jovens e capazes, originários de áreas onde os grupos domésticos têm recorrido mais ao trabalho não-assalariado para sustentar-se. Desta forma, os custos de reprodução da força de trabalho, em grande parte, caem fora da esfera dos salários pagos a trabalhadores nas áreas "receptoras". Por um lado, com este fornecimento regular de trabalhadores produzidos à distância, as firmas podem pagar um salário insuficiente para cobrir o custo da reprodução da força de trabalho que de fato empregam, e assim podem incrementar as suas margens de lucro. Por outro lado, as famílias nas áreas de emigração são levadas a se organizarem com contingentes populacionais mais adversos à obtenção local de recursos.

Neste trabalho, examinam-se dados sobre grupos domésticos pernambucanos urbanos e rurais com experiência migratória inter-regional para ver como é que, numa região de emigração fortemente reforçada historicamente como reprodutora da força de trabalho, as famílias articulam emigração, contatos com migrantes e migrações de retorno para melhorarem o seu potencial de obter recursos.

Migrações, Remessas e Retornos entre Famílias Pernambucanas Rurais e Urbanas

Nas Américas, o contexto de migração inter-regional revela algumas regularidades, das quais a diáde Pernambuco-São Paulo representa um exemplo ilustrativo da clara desvantagem para famílias em áreas de emigração. Historicamente, nos últimos trinta anos, em ambos os estados

tem havido 1) um incremento na população acima de 60 anos, 2) um aumento no número de casas chefiadas por mulheres, 3) quedas significativas nos níveis de fecundidade, e 4) uma diminuição no tamanho do grupo doméstico. Na estrutura etária São Paulo acumula uma vantagem proporcional na redistribuição ocorrida como resultado da combinação de migrações e crescimento vegetativo. O seu aumento proporcional mais significativo tem ocorrido na faixa mais produtiva de 15 a 39 anos, enquanto em Pernambuco este aumento proporcional tem sido entre as faixas mais jovens e dependentes, até 14 anos de idade. A dinâmica deste rearranjo fica evidente quando se repara as idades do conjunto de membros do grupo doméstico mais sensível ao contexto econômico regional - os "outros" (irmãos, primos, pais, netos, outros parentes e não-parentes). Pernambuco, comparado com São Paulo, tem o dobro da proporção destes agregados na faixa mais jovem, até 14 anos. Quanto ao sexo da população, efetivamente, há uma predominância feminina maior no Nordeste, onde as cidades têm servido como destino para mulheres saídas do campo, fazendo com que haja 6 mulheres para cada 5 homens, e as mulheres destas cidades enfrentam o dilema de organizar os seus grupos domésticos com menos participação masculina. Na década mais recente, com o aumento da migração feminina, São Paulo tem começado a se aproximar à situação de Pernambuco. (Ver Scott 1988 para discussão destes dados no contexto das Américas).

Cabe perguntar, então, como é que os grupos domésticos pernambucanos, onde o contexto para estratégias econômicas domésticas é menos propício, usam a migração para tentar estabelecer uma base de recursos para operar no Nordeste? Mesmo que o processo migratório conduza diretamente para a exploração da força de trabalho produzida por grupos domésticos fora das áreas onde se concentram os empregos, pode-se inverter a migração de uma forma que ela se torne vantajosa a grupos domésticos nordestinos que a ela recorrem?

Ao examinar diferentes tipos de migração, a lógica doméstica das estratégias migratórias, contatos com migrantes e

migrações de retorno, deve-se esclarecer como algumas destas alternativas se articulam nas estratégias de captação de recursos. Os dados são de um levantamento direto de 1982/1983, incluindo questionários, entrevistas e observação feita junto a mais de quatrocentos grupos domésticos pernambucanos com alguma experiência migratória para fora da região (ver Scott 1984 para um relatório completo destas informações, e Scott 1986 sobre migrações de retorno). Duzentos questionários foram aplicados no distrito de Prazeres (Jaboatão) da Região Metropolitana do Recife e outros duzentos na área camponesa e pecuarista ao redor de Garanhuns, no Agreste Meridional. Entre 20 e 25% de todos os grupos domésticos na área camponesa de Garanhuns teve experiência migratória inter-regional. Em Prazeres, na área metropolitana, a proporção é apenas ligeiramente menor sendo de 18%.

Os camponeses insistem que as intenções ao sair são de ganhar dinheiro para poder mandar de volta às casas de origem. O discurso dos moradores da cidade não é tão explícito sobre esta finalidade. Entre os migrantes de Garanhuns e de Prazeres predominam os pais e os filhos maiores. Isto é especialmente claro entre as famílias de agricultores. "Pais" e "maridos" são os que mais frequentemente se engajam em "migrações circulares", tendo feito três ou mais viagens para trabalhar em São Paulo, voltando a Garanhuns para estadas de prazos variáveis. Do campo predominam os filhos homens entre os emigrantes, enquanto da cidade são as filhas (e mulheres em geral) que são as emigrantes principais. Uma vez em São Paulo, é mais provável que um emigrante de Garanhuns chame outro membro da sua casa de origem para residir junto com ele. Os emigrantes de Prazeres são menos propensos a usar esta estratégia. Em 1980, 16% de todas as pessoas natas nordestinas morava fora do Nordeste. Quando as mulheres saem para outra região, é mais provável que fiquem fora, e menos provável que estabeleçam um padrão de migração circular. Os migrantes de retorno são sobretudo homens, muitos dos quais saíram para São Paulo ou Rio noivos ou já casados com a declarada intenção de voltar (tabelas 1 e 2).

	Emigração		Migração Circular		Migração de Retorno	
	Recife	Garanhuns	Recife	Garanhuns	Recife	Garanhuns
Total de Migrantes (%)	56.0	59.5	8.5	15.0	49.0	40.0
Homens/total de migrantes(%)	45.5	60.5	76.4	92.3	74.4	79.8
Chefes como migrantes (%)	1.8	2.5	51.2	76.6	55.1	63.8
Filhos como migrantes (%)	30.4	51.3	17.6	16.6	17.3	13.7
Casados como migrantes (%)	31.0	29.4	52.0	80.0	43.8	47.5
Destino (%) São Paulo	63.4	84.9	64.7	100.0	59.2	83.8
Rio de Janeiro	13.5	7.6	-	-	28.6	3.8

Fonte: (Scott: 1984) pesquisa direta

Nota: As porcentagens referem-se a um conjunto de 400 grupos domésticos onde pelo menos uma pessoa do grupo tenha tido experiência com migração inter-regional.

	Recife	Garanhuns
Número de membros por grupo doméstico (média)	5.8	5.8
Média de idade de mulher chefe/esposa	45	45
Nascimentos vivos por mulher (chefe/esposa)	6.2	9.3
Homens para cada 100 mulheres	90	90
Grupo doméstico chefiado por mulher	19.5	12.4
Membros abaixo de 13 anos	42.5	47.5
Número de "filhos" por unidade	3.0	3.2
Número de agregados por unidade	1.0	0.6

Fonte: Tabela 2.1 (Scott, 1984) pesquisa direta

	Recife	Garanhuns
Atualmente chefe do grupo doméstico	69.4	72.5
Volta ao mesmo município	69.4	92.5
Retorno com dinheiro	61.2	61.2
Usa o dinheiro apenas para despesas diárias	20.0	30.4
Razões do retorno:		
Falta de emprego	12.2	22.5
Ganhos insuficientes	16.3	23.8
Saúde própria	23.7	38.8
Saúde de companheiros fora do NE	18.7	15.0
Saúde de membros dos grupos domésticos no NE	30.6	17.5

Fonte: Tabela 6.3 (Scott, 1984) pesquisa direta

Os grupos domésticos esperam que os seus migrantes continuem a mandar ajuda para casa ou que tragam dinheiro na sua volta. Isto é mais evidente em áreas rurais onde a esperança de investir os ganhos vindos de longe nos sítios e negócios acompanha a maior parte das mudanças para São Paulo. Na área metropolitana do Recife, onde os grupos domésticos detêm ainda menos acesso aos meios de produção, o discurso sobre as intenções migratórias ainda inclui o uso de uma noção da "união da família," priorizando o apoio à casa de origem. Este discurso é ainda mais forte entre os grupos camponeses.

Existem muitas formas alternativas de se manter em contato com, e receber apoio de membros do grupo dos que emigraram. Entre elas há cartas, remessas de dinheiro e de objetos e convites para dividir a residência na área de imigração com novos migrantes. Enquanto a maior parte dos emigrantes, e especialmente as filhas solteiras, escrevem, menos que a metade dos emigrantes de fato mandam dinheiro de volta. O dinheiro mandado tem um uso predominante não diferenciado de contribuições regulares de renda, sendo destinados às despesas cotidianas (sobretudo à feira). (Isto inclui 75% das remessas de emigrantes; 87,9% das remessas de migrantes circulares e 79,2% das remessas de migrantes de retorno quando estavam fora). São poucas as contribuições que de fato são usadas para investimento na terra ou na capitalização de negócios. Em Garanhuns quase a metade das remessas destinadas a despesas diferentes que às cotidianas foram destinadas a despesas com os dependentes deixados no local.

Diante dos discursos apresentados, é de admirar que não são os grupos domésticos camponeses que recebem apoio mais regular dos seus emigrantes. O apoio mais regular vem para os grupos domésticos urbanos assalariados. Sem experiência nos mercados de trabalho urbano, os migrantes de áreas rurais não conseguem ganhar tão bem em São Paulo ou no Rio. Somente 8,7% dos emigrantes de grupos domésticos camponeses e autônomos conseguiram mandar remessas mensais para as suas casas de origem e 65,5% não mandava nada. Em contraste, 20,3% dos emigrantes de grupos urbanos assalariados conseguiram



Foto: Pedrão

mandar dinheiro mensalmente. Destes grupos ainda havia 55,2% dos emigrantes sem poder ou sem querer mandar contribuições para casa. As casas chefiadas por pensionistas e aposentados foram as casas que receberam contribuições de emigrantes com a menor frequência.

O oferecimento de dividir a residência com emigrantes novos, frequentemente irmãos, é uma ajuda indireta que reforça outros contatos com a casa de origem. Juntar as rendas de irmãos que co-residem, ou residem próximos uns aos outros, permite a continuação de remessas que em outras circunstâncias poderiam ser interrompidas por causa de desemprego eventual ou despesas elevadas em São Paulo. Novamente são migrantes provenientes de casas de assalariados que usam estratégias de co-residência com mais frequência (28,1% destas casas, contra apenas 19,8% das casas da área rural).

Raramente os grupos domésticos de origem remetem dinheiro ou outras coisas para os migrantes. Quando se manda algu-

ma coisa, ou é dinheiro para resolver algum problema específico (como por exemplo, nos casos extremos, para comprar a passagem para voltar) ou, para fornecer itens que simbolizam a terra de origem, lembranças de casa entre as quais predominam o alimento "nordestino", símbolo máximo da "reprodução" da nordestinidade (Penna 1992, 1994 desdobra esta questão da identidade nordestina).

A migração de retorno é uma das maneiras mais claras de reafirmar a importância do grupo doméstico no lugar de origem. A maior parte dos migrantes de retorno não passaram muito tempo fora do Nordeste: em Garanhuns, a média era de quatro anos com 63% passando menos que três, e em Prazeres a média foi de seis anos com 58% passando menos que três. As grandes dificuldades econômicas passadas fora, as dificuldades de aceitação das condições de vida (frequentemente citados foram problemas de transporte, violência, e solidão) e problemas de saúde foram as grandes razões que levaram ao retorno. Sejam quais forem as razões da sua volta, estes migrantes de retorno voltam para trabalhar e fornecer renda para os grupos domésticos no Nordeste. Decepcionados com as oportunidades de ganhar a vida no Nordeste, investiram bons anos produtivos de trabalho em São Paulo e mais tarde voltam para se reintegrar às atividades econômicas nas áreas de emigração. Em Garanhuns, das casas com alguém com experiência migratória inter-regional apenas 40% tem migrante de retorno, enquanto que em Prazeres este percentual é de 49%. Isto pode ser interpretado como mais uma prova da dificuldade de elaborar estratégias de obtenção de recursos em áreas de campesinato. Para os poucos que voltaram, no entanto, 70% informaram ter investido o dinheiro que trouxeram em melhorias nas condições de vida. Inclusive há indicações que o dinheiro teve importância para alguns se estabelecerem como agricultores de uma forma mais segura da que podiam antes de ter migrado.

Este sucesso relativo destas estratégias migratórias é acompanhado por extrema dureza da parte dos próprios migrantes. Os migrantes de retorno ao campo demonstraram maiores problemas que os que retornaram à cidade. A satisfação com o

emprego e o ganho em São Paulo era menor e muitos sofriam de problemas de saúde (Tabela 3). Os migrantes de retorno em Prazeres voltaram mais frequentemente para ajudar com os problemas de saúde de familiares no Nordeste e queixaram-se menos sobre o emprego, o ganho e a saúde própria em São Paulo e Rio.

Tomando-se em conta os contatos e a migração de retorno, os grupos domésticos mais fecundos de Garanhuns sofrem mais severamente dos efeitos deletérios da emigração. São poucos os recursos obtidos fora do Nordeste que voltam. Localmente, reproduzem-se trabalhadores para serem empregados e superexplorados por empregadores paulistas. Os que voltam, voltam mais desgastados que os que voltam à cidade. Os migrantes de retorno no Recife, são mais numerosos e tiveram mais sucesso em terem remetido dinheiro para os seus grupos de origem. Voltam com avaliações mais positivas das suas experiências particulares e também com mais dinheiro para pequenos investimentos. O contato com o migrante e a reintegração dos migrantes de retorno servem como um contrapeso, mesmo muito leve para os custos regionais da reprodução da força de trabalho para estas casas urbanas.

As migrações de retorno continuam ocorrendo. No início dos anos noventa Amaral (1993) entrevistou centenas de migrantes de retorno e circulares e constatou que as razões para retornarem a Pernambuco continuaram sendo desemprego alto, custo de vida e violência em São Paulo, junto com saudades da família deixada em Pernambuco. Em geral, há indicações de um incremento significativo na quantidade de retornados diante do acirramento da crise econômica da última década no Brasil. A verificação maior desta tendência ainda resta para ser feita. Os dados novos do Censo de 1991 oferecem uma fonte excepcional para contribuir para a análise muito mais detalhada destes processos migratórios. Também são relevantes para a compreensão deste fenômeno a formação de novas rotas migratórias internacionais (Ver Travessia número 21) que mostram a força de reordenações espaciais que envolvem diádes bem específicas como a de Governador Valadares - Estados Unidos.

Considerações Finais

Do ponto de vista dos grupos domésticos de origem, no Nordeste do Brasil ou em outras áreas de emigração, mandar alguns membros de casa para outros locais faz parte da solução do problema de obter recursos em contextos locais desfavoráveis. Os grupos domésticos brasileiros que têm elaborado estratégias migratórias inter-regionais frequentemente têm encontrado obstáculos que pareciam insuperáveis. Em vez de receber remessas e integrar migrantes de retorno mais experientes e mais ricos, muitos nunca ou quase nunca, recebem qualquer ajuda dos seus migrantes, chegando, inclusive, a perder contato com eles. Quando de fato voltam, frequentemente, é como migrantes desiludidos, possivelmente adoentados, com memórias de trabalho árduo, ganho reduzido e aprendizagem de capacidade pouco relevante para as suas atividades na terra de origem. Mesmo assim, há sucessos. Alguns voltam melhor de vida, beneficiando as suas terras, negócios e residências. Outros recebem remessas regulares dos emigrantes que se deram bem longe de casa. Às vezes mandam mais dos seus filhos para procurar emprego. Nestas circunstâncias, é insuficiente conceber a migração como uma atividade malfadada e autoperpetuante, mesmo no Nordeste onde tem predominado a intensificação do papel de reprodutor da força de trabalho. A migração nestas circunstâncias constitui uma tentativa dos grupos domésticos descobrirem um espaço onde os seus membros podem se tornar efetivamente obtentores de recursos. Localmente não é viável. Precisa-se ainda de mais informações sobre como as estratégias migratórias são aplicadas diferentemente em grupos domésticos chefiados por homens e mulheres e por jovens e velhos.

Mas o que fica mais evidente é que cada grupo doméstico precisa descobrir formas em que as remessas e os retornos possam se tornar mais vantajosos, já que não se pode esperar inversões rápidas nos fluxos de migração. Os grupos domésticos que operam em áreas de emigração não têm a mesma flexibilidade para compor-se quanto os grupos em áreas de imigração. Fecundidade mais alta, populações mais

jovens, bem como agregados parentes e não parentes que consomem mais que produzem - estes fatores todos se juntam para formar contextos desfavoráveis à elaboração de estratégias domésticas sem recorrer-se à migração. O esforço isolado de grupos domésticos nunca poderá reverter este quadro. Envolve, sobretudo, decisões nacionais e internacionais sobre a direção do desenvolvimento e o estabelecimento de relações políticas entre regiões com usos diferentes de força de trabalho.

*R Parry Scott é mestre em Antropologia/UFPE

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, Ana Elizabete Perrucci de
1993 "Características socioeconômicas e culturais da migração e do migrante de retorno para Pernambuco," Trabalho apresentado no III Encontro Regional da AIPISA, Recife, julho.
- ARIZPE, Lourdes
1982 "Relay Migration and The Survival of the Peasant Household" em Helen I Safá (Ed.) Towards a Political Economy of Urbanization in Third World Countries. Delhi: Oxford.
- MEILLASOUX, Claude
1977 Mujeres, Graneros y Capitales: Economía Doméstica y Capitalismo. México: Siglo XXI.
- MOTTA, Roberto e Parry SCOTT
1983 Sobrevivência e Fontes de Renda: Estratégias de Famílias de Baixa Renda no Recife. Recife: SUDENE/Massangana. (População e Emprego, 16)
- PENNA, Maura
1992 O que faz ser nordestino. Cortez: São Paulo
1994 "Caçando um lugar: a identidade regional no trajeto da exclusão," Travessia, Ano VII, Nº 19, maio-agosto, Centro de Estudos Migratórios: São Paulo, pág.17-19.
- SCOTT, Russell Parry
1984 Migrações Inter-regionais e Estratégia Doméstica UFPE/SUDENE/CEMO: Relatório de pesquisa.
1986 "O Retorno ao Nordeste - Refugio, Família e Reprodução" em Anais do V Encontro da ABEP Águas de São Pedro: ABEP, pág. 665-698.
1988 "Os custos da reprodução da força de trabalho para famílias em regiões de emigração latinoamericanas" trabalho apresentado no IV Encontro de Ciências Sociais no Nordeste, Salvador.
- TRAVESSIA
1995 Ano VII, Nº. 21 (Emigração), janeiro-abril.
- WOOD, Charles H. e José Alberto Magno de CARVALHO
1993 A Demografia da Desigualdade no Brasil. Vol 27, PNPe/IPEA.
- WOORTMANN, Klaas
1984 "A Família Trabalhadora", Ciências Sociais Hoje. São Paulo: ANPOCS/CORTEZ.